

Deputados empobrecem

*Crise achatou
salários e
preocupa Câmara*

Rosângela Bittar
e Dora Kramer

BRASÍLIA — Com a discussão sobre o aumento de 53,5% para os deputados, que deve começar a ser votado hoje na Câmara, os parlamentares querem mostrar ao país inteiro que não estão ganhando bem. O salário de um deputado caiu do equivalente a US\$ 10 mil em 1982 para os atuais US\$ 2 mil (cerca de Cr\$ 1,8 milhão líquidos). Se no início do ano os deputados ficavam constrangidos até de pensar em aumento de salário, temendo a repercussão negativa, agora a Câmara parece um sindicato em época de dissídio coletivo. Mesmo os ricaços, que na atual legislatura são em maior número do que na anterior, já estão cortando gastos que faziam com o salário de deputado.

No apartamento do líder do PFL, Ricardo Fiúza, um rico usineiro de Pernambuco, foi cancelada a habitual distribuição de sucos para as dezenas de pessoas que por ali passam diariamente. Na terça-feira, o secretário particular do deputado precisou pedir ao gerente da agência do Banco do Brasil na Câmara para segurar um rombo de Cr\$ 600 mil até o dia do pagamento. Corre na Câmara a versão de que 70% dos deputados estão no vermelho. Muitos deles confirmam, uns no anônimo outros abertamente. Do primeiro grupo faz parte um deputado de Minas Gerais que está pagando este mês Cr\$ 600 mil de juros do cheque especial. Paulo Paim, do PT do Rio Grande do Sul, diz para quem quiser ouvir que seu rombo no BB é de Cr\$ 2 milhões.

O caso de Paim é um dos mais sérios. Técnico em metalurgia, Paim está alugando um quarto numa casa do Lago Norte. Tem comida e roupa lavada por Cr\$ 150 mil mensais. Foi a maneira que ele encontrou para economizar parte dos Cr\$ 600 mil que a Câmara dá como ajuda de custo para moradia. "No hotel eu gastava pelo menos o dobro", diz o deputado, que quando perde a carona no Chevette do dono da casa, pega um ônibus na rodoviária. "Um táxi do Congresso até aqui está custando Cr\$ 10 mil", reclama Paim, que, como seus colegas do PT, tem que dar 30% do seu salário para o partido.

Formatura — A crise atingiu até o PFL, partido governista, composto na grande maioria por parlamentares ricos. Não adianta, por exemplo, convidar os deputados José Múcio Monteiro, Gilson Machado e Ronaldo Caiado para parainfos de turma de formandos no final do ano. Eles recusam sistematicamente essa homenagem que, pela tradição, obriga o escolhido a arcar com as despesas da festa. "O livro de ouro nunca se pode deixar de assinar e o deputado tem sempre que ter *algum* para essas horas", lembra Luis Eduardo Magalhães. Incluído no rol dos ricos, Luís Eduardo, no início do ano, pagava todas as despesas de casa com o salário de deputado. Agora, esse dinheiro só dá para 50% dos gastos. O resto, o filho do governador da Bahia, vai

Jamil Bittar — 19/4/90



Fiúza: conta no vermelho

buscar na televisão de que é sócio e nos lucros da boutique da mulher.

Se os grandes empresários baixaram o padrão, os profissionais liberais de classe média estão se virando como podem. Nélson Jobim, um deputado atuante que foi líder do PMDB na Constituinte, resolveu reservar quatro dias da semana para voltar a advogar. De terça a quinta-feira, Jobim dá expediente na Câmara, mas de sexta a segunda-feira, incluindo o fim de semana, dedica-se a elaborar pareceres em seu escritório do Setor Comercial Sul. Outro dia, fez um parecer que lhe rendeu três vezes o salário da Câmara.

"E o por fora?" — Um dos principais argumentos dos deputados, principalmente dos que dependem do salário para viver, é que esse dinheiro serve para financiar o exercício do mandato. Fora as despesas que tinham quando não eram deputados, os gastos do dia-a-dia são dobrados, uma vez que eles sustentam um casa em Brasília e outra nos seus estados. Além disso, precisam estar sempre renovando o guarda-roupa, socorrendo eleitores mais pobres e hospedando os prefeitos que os procuram no Congresso. Têm gastos com viagens para atender a convites para seminários e conferências e quem convida geralmente não oferece passagem, confiando nas mordomias. "E não se pode nem recusar um convite desses, porque não há um cidadão brasileiro que acredite que deputado não tem dinheiro", testemunha Paulo Delgado.

O assunto dos salários é sempre abordado primeiro pelo aspecto da falta de dinheiro, mas invariavelmente termina numa reivindicação mais delicada. "O salário baixo tem uma consequência: nos torna muito vulneráveis", analisa um parlamentar baiano. O lado mais brando dessa fragilidade é o nepotismo. O deputado emprega a mulher, o filho, o genro, para aumentar a renda familiar. "Esse é o primeiro passo, depois ele pode ceder a outros tipos de assédio", acrescenta o mesmo parlamentar. Há um consenso também formado de que os parlamentares federais ganham bem, que eles têm muita dificuldade de explicar que pelo menos nesse momento isso não é verdade. Paulo Delgado já ouviu mais de mil vezes a pergunta constrangedora: "E o *por fora*, deputado?". O difícil, segundo Delgado, é explicar que, para quem não é corrupto, o *por fora* não existe.